

Daniel Menezes Coelho<sup>1</sup>  
UFS

Eis presente o segundo número de Clínica & Cultura. É momento de comemoração, pois se trata de um passo na direção da consolidação da revista: tivemos maior número de submissões, às quais esperamos ter tratado com o cuidado que merecem; abrimos uma nova sessão na revista, destinada a traduções de textos clássicos; aprendemos melhor (confesso, com trancos e barrancos) a lidar com a plataforma SEER da qual nos servimos; afastamos o fantasma (angústia do editor, que me parece merecer o compartilhamento do alívio) de inviabilidade do trabalho a longo prazo.

Este número conta com seis artigos na sessão *Estudos Teóricos e Ensaios*, um na sessão *Relatos de Pesquisa*, e mais um na nova sessão *Traduções*. O leitor verá que uma temática em especial acaba atravessando (não sem alguma manobra) um campo em comum, o da subjetividade contemporânea. Não poderia, me parece, ser diferente: trata-se da própria atualidade da questão *psi*: como conceber aquele que se forma imerso em nossa cultura? Aquele que procura nossa clínica?

Convido o leitor a um olhar panorâmico sobre os artigos, para ver que, antes de se tratar de um problema isolado, o que encontramos é o entrecruzamento dos mais diversos problemas: a relação com o conhecimento, com o outro, as lutas identitárias, a recusa a identidades, a relação com o mercado, com o próprio corpo, com certo quadro moral, as ideologias individualistas... No mundo *psi*, parece que todos os caminhos levam à subjetividade (ou ao sujeito, ou à identidade, ou ao indivíduo – nomes que atacam, me parece, o mesmo ponto de formas distintas). Eis nossa Roma, com camadas e camadas deixadas pelos antigos, com marcas tanto de combate como de arte, com caminhos quase nunca retos (um romano certa vez me contava de uma das brincadeiras preferidas de suas andanças adolescentes pela cidade: virar três esquerdas, e nunca encontrar o ponto do qual havia saído), com estilos dos mais diversos convivendo, nem sempre em harmonia. Ou ainda, o umbigo dos nossos sonhos: emaranhado de linhas associativas, que nos levam, segundo Freud, ao limite das nossas interpretações.

Nada menos que cinco dos sete artigos contidos aqui vão diretamente a essa discussão. Dois outros artigos tratam mais especificamente do problema da sexualidade: um deles retoma a obra de Foucault para apontar a necessidade de se superar um projeto de *expertise* técnica em favor da formação de um espaço de discussão ética na

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV na Universidade Federal de Sergipe; Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFS; Psicanalista. Editor da revista Clínica & Cultura. E-mail: [daniel7377@gmail.com](mailto:daniel7377@gmail.com)

psicologia e na psicanálise; outro relata uma pesquisa feita com jovens religiosos cujo tema é a dissonância entre suas práticas sexuais e o impedimento religioso destas. Embora me pareça interessante destacá-los, sobretudo para o leitor interessado no tema (a este leitor, recomendaria fortemente também o artigo de Zana e Perelson, no qual a questão sobre a identidade sexual é primordial), é de se apontar também que eles são de extremo valor para a questão da subjetividade, dada a fortíssima relação que sempre se traça entre esta e o sexo, e mesmo para aqueles que se interessam em discutir o mundo contemporâneo: a discussão *técnica x ética* é extremamente atual, e primordial, me parece, para aqueles envolvidos na prática *psi*; a pesquisa sobre a religião aponta para o fato, talvez pouco atentado pelos estudos sobre o contemporâneo, que esta ainda exerce enorme peso sobre a vida dos jovens que dela participam (e não são poucos: o fenômeno evangélico, alvo do estudo, é enorme; os cristãos carismáticos crescem; as crises religiosas no mundo árabe estão nos jornais de todos os dias).

Como dissemos acima, abrimos, neste número, uma sessão destinada a traduções. Ela inaugura-se com um texto de William James, “O que é uma emoção?”, datado de 1884. Nos parece que a sessão tem a função de resgatar textos clássicos, pouco acessíveis em nossa língua, ainda que de extremo valor para o campo. Perdoem-me por insistir na metáfora, mas é que Roma não foi construída em um dia. Sem a compreensão dos seus estratos inferiores, a superfície correria o risco de parecer apenas caos.